

Coração imaculado

::: >: Por MASARU ::: >:
Desenho de EDUARDO MALTA

A's gentis leitoras do "PIM-PAM-PUM"



noite estava calma, nem parecia noite de Dezembro.

Havia luar, o céu estava sereno e semeado de miríades de estrélas!...

Nas ruas havia numeroso trânsito, que a miúdo estacionava em frente das montras dos bazares onde estavam expostos os mais variados brinquedos.

Alguns «bébés», acompanhados pelos papás, sobraçavam cavalos de pau, bonecas, tambores, etc., etc.; outros, porém, olhavam com olhos melancólicos, para todos aqueles bonitos, invejosos por não os possuírem e tristes por os não poderem comprar.

Uma raparigueta, estacionava a uma montra, contemplando com olhos ávidos, uma vistosa árvore do Natal, ornada dos mais variados brinquedos.

Devia ter — ao que parecia — uns 7 ou 8 anos. Era loura, de olhos verdes, o rosto alvo de neve. Estava pòbremeiramente vestida: uma saia de chita, remendada, e um lenço de malha de lã, cheio de buracos que lhe tapava o débil tronco.

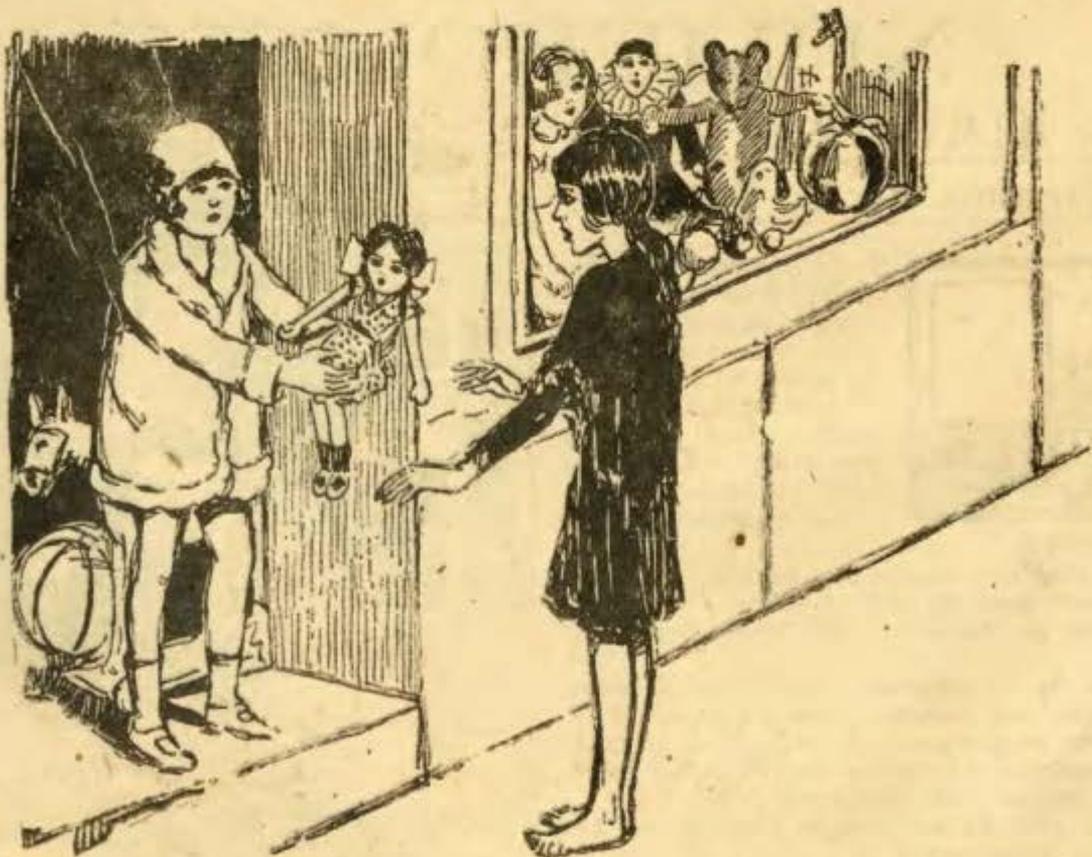
A-pesar, porém, da noite estar bonita, fazia um frio cortante, e ela, apenas com aquele agasalho, tremia as mãositas, e faces róxas, os pésitos descalços estavam quasi gelados.

Permanecia, olhando para a montra, havia quasi um quarto de hora, contemplava embevecida a árvore do Natal, chorando de vez em quando ou de pesar ou de sofrimento, quando entraram na loja três «bébés» acompanhados pelos respectivos papás. A desgraçadinha seguiu-os com a vista. Passados momentos, chegou aos seus ouvidos os sons duma corneta e o rufar de um tambor.

Foi encostar-se, sempre triste, ao umbral da porta, olhando com os olhos razos de lágrimas para os que dentro da loja saltavam alegres e satisfeitos. Um daqueles freguesitos era uma encantadora criança de 8 para 9 anos que, com uma boneca ricamente vestida, veio á porta. Os seus olhos cruzaram-se com os da pòbrezinha, que ficou enlevada na encantadora boneca. Isto fez-lhe impressão, e, voltando para dentro, puxou pelo casaco do pai, para que lhe desse atenção.

— Que queres? — perguntou o pai.

— Quero dizer-lhe um segredo ao ouvido — disse ela, pondo-se em bicos de pés.





O bilhete da loteria número 3333

(Continuação da 1.ª pag.)

Pedro fazia o que queria.
Não tinha a quem dar satisfações dos seus actos.
Era muitíssimo rico.
Não tendo, por consequência, nenhuma preocupação, a vida corria-lhe às mil e uma maravilhas.

Depois de se ter apeado à porta do seu palacete, situado no Campo Pequeno, próximo à Praça dos Touros, e de ter pago ao «chauffeur» dirigiu-se ao seu escritório aonde guardou o 3333 numa gaveta da secretária, a qual depois fechou à chave.

* *

Na Misericórdia ia grande excitação.
O número da sorte grande era o 3333.

* *

O palacete onde Pedro de Queiroz residia, tinha todas as comodidades e divertimentos, próprios dum rapaz de 21 anos como éle.

No parque do palacete, que éra um verdadeiro encanto, havia um magnífico corte de tennis, aonde Pedro e os amigos, quási todas as tardes, costumavam jogar.

Nesse dia, justamente, havia éle convidado alguns rapazes para passarem a tarde com éle.

Batiam as 5 horas no relógio do Salão, quando um criado anunciou a Pedro, que acabavam de entrar os amigos e que estes o esperavam na sala.

Pedro dirigiu-se à sala onde encontrou os 7 rapazes que convidara.

— Olá Pedro! Como está tu? perguntaram-lhe éles.

— Bem, obrigado, e vocês? respondeu Pedro. Após numerosa conversa, falaram na lotaria.

— O' Pedro, tu sabes qual foi o número da sorte grande? perguntou-lhe António Falcão, o amigo mais íntimo de Pedro.

Eu não, respondeu éle, e olhem que estou habilitado.

— Pois olha, tornou o Falcão, o número premiado foi o 3333.

— Se queres que te diga, voltou Pedro, nem sequer sei o qual é o número do meu bilhete.

Nem agora estou para o ir vêr, pois não havia logo de me ter calhado a mim.

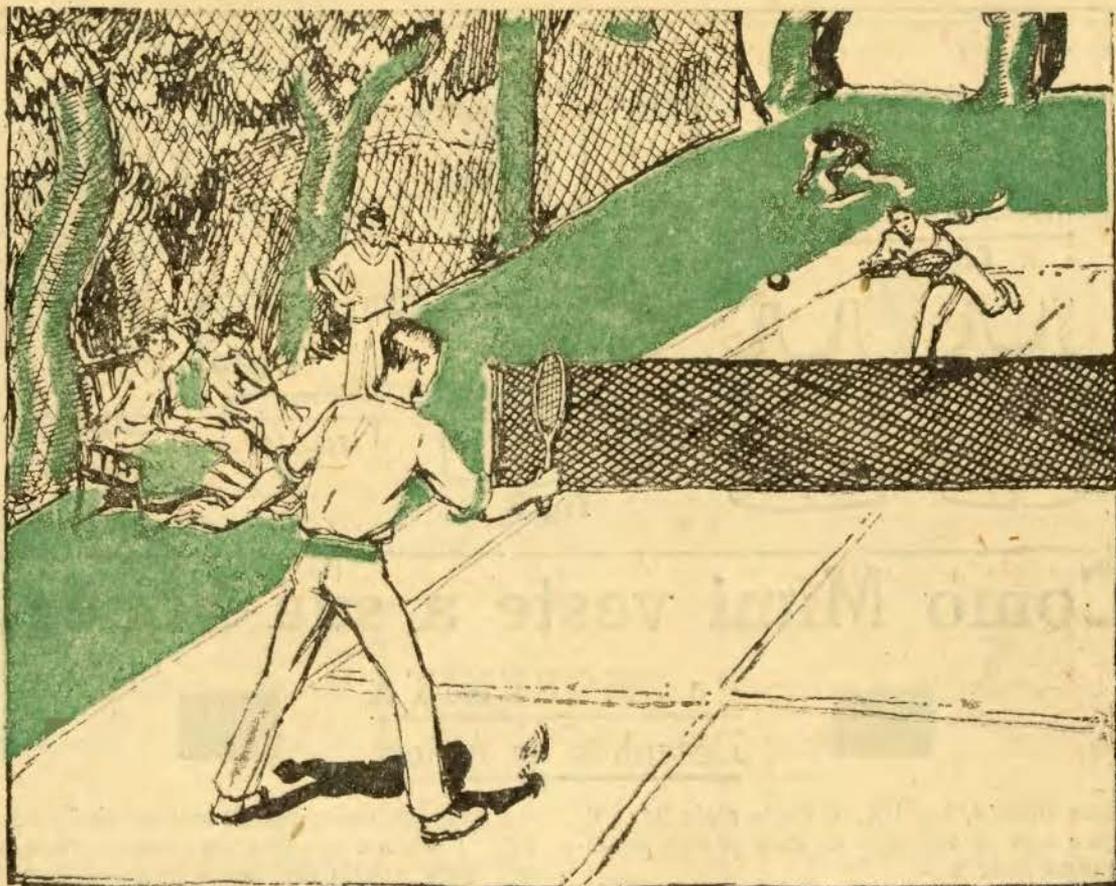
— Claro, isso era já sorte demais; responderam os amigos. Mas o que pode ser é que tenhas a letra.

— Sim, é possível que tenha a letra, mas, como isso não tem importância, não estou para me ralar.

Depois de terem conversado mais um bocado de diferentes coisas, resolveram todos ir jogar o tennis.

Quando terminaram, eram já 7 horas da tarde, pelo que Pedro, guiando o seu «Alfa-Romeo», foi deixar os amigos em casa.

Quando se dirigia novamente para o seu palacete, encontrou na Rotunda um amigo, um rapaz



Madeirense, que lhe comunicou que pensava ir, dois dias depois, às corridas a Sevilha.

Pedro entusiasmou-se tanto com a ideia de ir também, que ofereceu ao rapaz para irem os dois no «Alfa-Romeo».

Rui de Ataíde, (o nome do rapaz Madeirense) aceitou logo, pois indo com o Pedro e de automóvel, parecia-lhe que havia de ser maior a pândega.

Assim foi. Pedro e Rui chegaram 3 dias depois a Sevilha.

Pedro que não conhecia Sevilha, ficou encantado com esta cidade.

Findas as corridas, Rui fez lembrar a Pedro que era tempo de partirem.

Pedro que já se nem lembrava que Portugal existia, não quiz partir, dizendo ao Rui que ficava mais um mês ou dois, para se saciar bem dos sevilhanos.

Rui que tinha o seu emprego, que não podia abandonar, despediu-se do amigo e regressou para Lisboa.

Porém, em Sevilha, Pedro de Queiroz levava uma vida desregrada, Esbanjava dinheiro a torto e a direito. Constantemente mandava cheques, para que lhe enviassem mais dinheiro.

Um dia, com grande desespero seu, do banco onde ele tinha a sua fortuna depositada, mandaram-lhe dizer que não lhe poderiam enviar mais dinheiro porque o pouco que lhe restava, mal chegava para pagar aos criados que tinha a tomarem-lhe conta do palacete.

Pedro que não se conformava com a ideia de que não poderia gastar mais, mandou dizer para o banco que despedissem os criados e que o ordenado que lhes pagavam, lho enviassem a êle.

Efectivamente os criados foram despedidos e o ordenado enviaram-no a Pedro.

Pedro, porém, era exigente. Tanto pediu, tanto pediu que um dia mandaram-lhe dizer que já não tinham mais para lhe mandar.

Pedro que não tinha a noção do que gastara, não acreditou que uma fortuna tão grande como era a dêle, se tivesse assim dissipado.

Por isso, um dia, como resolvêsse vir a Lisboa ver o que significavam aquelas trapalhadas que êle não compreendia, teve de vender o «Alfa-Romeo». - Quando chegou a Lisboa, dirigiu-se ao seu palacete.

O parque, nem parecia o mesmo. Por todos os lados havia erva crescida.

Estava tão abandonado que fazia tristeza.

Pedro dirigiu-se ao banco.

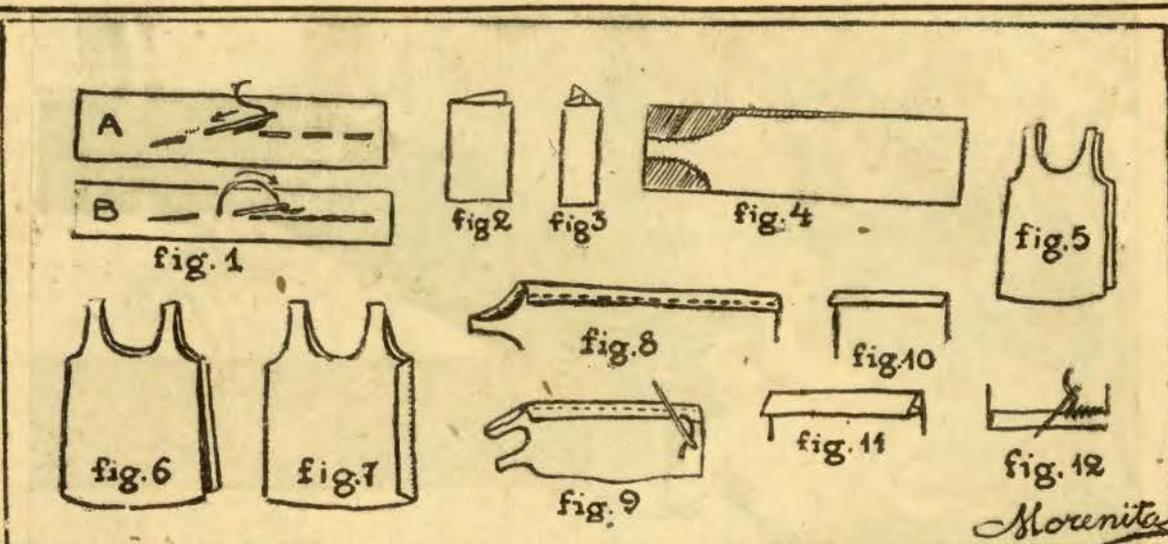
— Que fizeram os senhores à minha fortuna? perguntou êle aos empregados do banco.

— Senhor Queiroz, isso é caso para nós o perguntarmos a V. Ex.^a, responderam-lhe êles.

Para convencerem Pedro de que êle gastara quasi toda a fortuna, foi necessário mostrarem-lhe os cheques que êle, a todos os momentos, enviava.

Só assim se convenceu.

Voltou para casa resolvido a vender o palacete, pois que êste lhe dava imensas despezas, com que êle já não podia.



Como Mimi veste a sua boneca

Por MORENITA
Desenhos da Autora

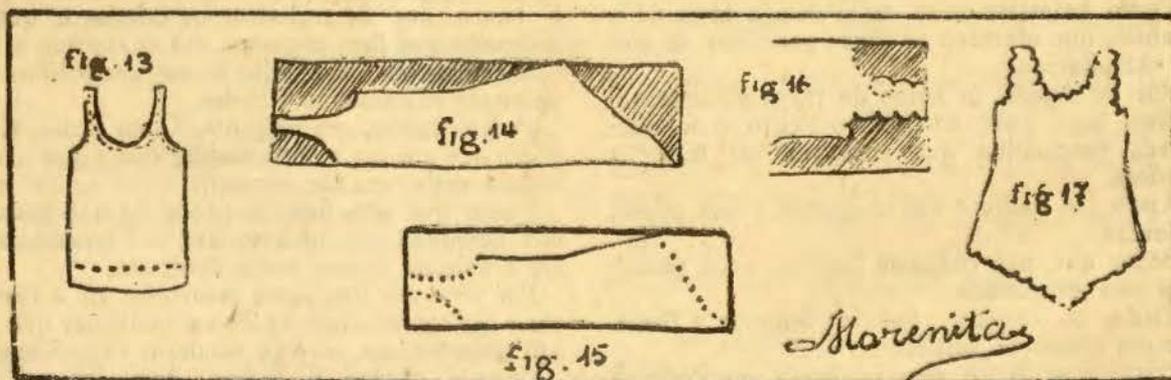
Ponto adiante, fig. 1-A. — Ponto atrás fig. 1-B.
Agora que já sabemos os dois pontos principais vamos fazer a

CAMISA

Toma-se um bocado de pano branco de tamanho suficiente, conforme o tamanho da boneca,

dobra-se ao meio, fig. 2; e este ainda ao meio, fig. 3; assenta-se sobre uma mesa e risca-se com um lápis o sítio dos braços e do pescoço, fig. 4; corta-se pelo lugar riscado, abre-se, então, e veremos a camisa talhada, fig. 5. Agora começaremos por fechá-la.

Continua na página 7



Quando dava volta à gaveta da secretária, reparou no bilhete de lotaria que estava ao de cima e do qual já se nem recordava, lembrando-se de ir à Misericórdia ver se tinha a letra.

Assim que chegou à Misericórdia disseram-lhe:

Parece que o senhor não estava apressado em receber?

Pedro que não percebia, perguntou: — Então tenho alguma coisa?

— Claro que tem, e para mais a taluda.

Pedro julgou que sonhava.

Nunca amára tanto o dinheiro como naquela ocasião. Já não precisava de vender o seu querido palacete.

Satisfeitíssimo com aquela notícia, imediatamente

mandou arranjar o parque, tomou criados e... juízo.

Não pensou mais em divertimentos e quando os amigos o desafiavam, diz-lhes sempre: — Já me diverti de mais, por isso hoje quero descansar.

Casou, e, apesar de continuar rico, não leva a vida ociosa que levava. Trabalha.

Vive exclusivamente para sua mulher e para 3 adoráveis filhos. Carlos Manuel, Constancinha e Chico.

Quando algum amigo lhe participa que se habilitou para a sorte grande de qualquer sábado, responde sempre isto: — Nunca a sorte grande te irá tanto a propósito como foi para mim.

Procede-se da seguinte forma, conforme indicam as fig. 6 e 7.

Isto é, puxou-se uma parte de maneira a sobrar dum lado, dobra-se depois essa parte que sobrou para cima da outra e cose-se, apanhando as três peças, com ponto adiante miudinho, fig. 8. Depois de cosido, abre-se a camisa, dobra-se a costura já feita de maneira a esconder a parte onde foi cortado o pano, vinca-se com o dedal ou a unha para segurar e cose-se então como vai indicado na figura 9, para prender do outro lado, com ponto miudinho.

Faz-se o mesmo do outro lado e temos a camisa fechada. Agora temos as bainhas. Para se fazer uma bainha, dobra-se um bocadinho do pano, muito pouco, fig. 10; e torna-se a dobrar ocultando a parte cortada como indica a fig. 11, e cose-se com ponto miudinho, fig. 12.

Fazem-se assim as bainhas no fundo, nos braços e no decote e temos assim a primeira camisa da nossa boneca, fig. 13.

A moda banuiu os cucos e fez imperar a

Camisa-calças

Vamos fazer umas à nossa boneca e, como é mais fina, vamos alindá-la.

Tomamos um bocado de papel, dobramo-lo ao meio e riscamos, ao tamanho conveniente, como mostra a gravura 14.

Vamos então riscar o recorte. Se a camisa é grande, tomamos uma moeda, se é pequena um botõesinho redondo e com o lápis faz-se-lhe um risco ao meio.

As partes da camisa que vão ser recortadas são as marcadas aqui com pontinhos, fig. 15.

Põe-se o botão sobre o sítio a recortar, de maneira que o botão fique sempre à mesma altura, é para isso que serve o traço que lhe fizemos conforme está indicado na figura 16.

Depois corta-se o papel conforme o risco e teremos o recorte da fig. 17.

Tomamos então um bocado de «opal» ou «pongé»,

que sobrou da nossa, prendemos com um alfinete o papel e riscamos em volta; ficará o pano depois de aberto conforme a fig. 18.

Um dos lados, o que há-de ficar para a frente não precisa bico, basta cortá-lo no papel para riscar a segunda parte.

Para fazer o recorte faz-se um segundo círculo por baixo de cada recorte, fig. 19, e se não souberem fazê-lo só com o lápis, sirvam-se do mesmo botão.

Agora é preciso aprendermos a fazer recorte figura 20.

Como vêem nada mais simples.

Depois de termos feito o recorte, vamos fazer-lhe uma guarnição muito simples que se repetirá na combinação.

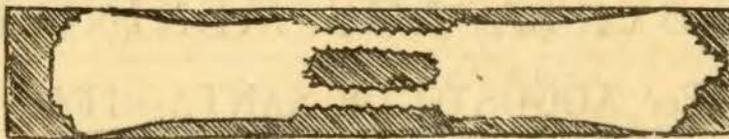


fig. 18

fig. 22; e quando tiverem feito cerca de metade tornem a meter o furador para alargar o furo, quanto mais aberto mais bonito.

Onde não-de fazer os furos?

Pouco mais ou menos assim, fig. 21

Corta-se então pelo sítio do recorte, tendo muito cuidado em não cortar a linha, fecha-se dos lados como na camisa, pregam-se três botõesinhos na parte sem bico, dispostos em triângulo, fazem-se três casas na outra parte para abotoar e ficará como a fig. 23.

Para fazer uma casa pega-se numa tesoura que tenha bicos, espeta-se o bico na fazenda e corta-se um bocadinho, muito pouco, não se corta mais que o diâmetro do botão que lhe ha-de servir.

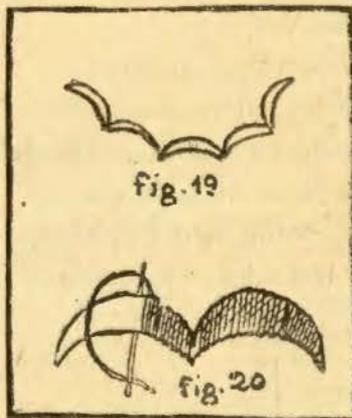


fig. 19

fig. 20

Já temos a nossa boneca com uma elegante «camisa-calças».



Fig. 22



furo



Nota da redação

A nossa interessante colaboradora, autora desta nova secção para meninas, promete enviar-nos, brevemente, a continuação destas úteis lições de labores

Aguardamo-las com um vivo interesse e felicitam s «Morenita» pela inteligência e clareza que põe na exposição das referidas lições.



MORENITA

Fig. 23

OS PEQUENINOS

MENDIGOS

CARTA ABERTA AOS MENINOS RICOS

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHO DE EDUARDO MALTA

Meninos ricos

que tendes
Anjos da Guarda:—a mamã,
papá, avós e padrinhos,
o mordomo, a loira «miss»
criados, mil protectores;
que dormis em fôfos leitos
com belos colchões de lan,
de penas ou sumaúma,
sôb docéis arrendados
de gaze e tule;
que tendes ricos abafos
uma botija a aquecer-vos
os lençolinhos da cama,
um fogão de aquecimento
lá na salinha de estar;
e ainda, além de tudo isto,
um mealheiro repleto
de moedinhas e notas
para juntardes mais um
bonito aos muitos que tendes
no quartinho dos brinquedos;
lembrai-vos dos póbrezinhos,

dos pequeninos mendigos
que não têm Anjos da Guarda,
como vós,
e vivem entre demónios
que os tratam aos pontapés;
que dormem junto aos portais
das casas de cada um,
sem botija, sem colchões,
por este Janeiro agreste,

sonhando com os bonitos
que vêem, de longe apenas,
entre as montras dos bazares!
Sede vós, meninos ricos
os seus Anjinhos da Guarda
e umas áas, muito lindas,
como as que têm os Anjos,
um dia, quando morrerdes,
vos transportarão ao céu!

